

# CONTRIBUIÇÃO DO MÉTODO COMPARATIVO PARA A DETERMINAÇÃO DA EXISTÊNCIA DO INDO-EUROPEU

João Bittencourt de Oliveira (UERJ)

## 1. INTRODUÇÃO

Convencionou-se denominar *indo-europeu*, *indo-germânico* ou *ariano*, a língua pré-histórica, falada com relativa unidade, há cerca de três mil anos antes de Cristo, numa região incerta da Europa Oriental, mas que a grande parte dos lingüistas concordam tratar-se da região meridional da atual Rússia. Não obstante as divergências da origem e o emprego de termos diferentes para designar o povo que falava essa língua, o certo é que ela realmente existiu. Atestam-no as línguas desprendidas da protolíngua (pelo método comparativo), o estudo das religiões comparadas, a geografia lingüística e a Antropologia.

## 2. AS LÍNGUAS DA FAMÍLIA INDO-EUROPÉIA

A certa altura de sua história, por razões ainda não satisfatoriamente esclarecidas, entregou-se o povo indo-europeu a grandes migrações, espalhando-se por uma parte da Ásia e uma grande parte da Europa. A evolução lingüística, de par com o contato com povos de diferentes línguas,<sup>1</sup> determinou uma intensa diferenciação em múltiplas línguas cognatas.

Costumam os lingüistas dividir o indo-europeu em dois grandes ramos: o asiático e o europeu.

### 2.1 AS LÍNGUAS DO RAMO ASIÁTICO

No ramo asiático destacam-se o *hitita*, o *tocário* e o *indo-iraniano*.

#### 2.1.1 O *hitita*

Atualmente extinto, o hitita teria sido falado durante o primeiro e o segundo milênios a. C. na antiga Anatólia, onde hoje se localizam a Turquia

e o norte da Síria. Pouquíssimos textos hititas eram conhecidos até o início do século XX, e sua confirmação como língua indo-européia só se deu após 1915. A integração do hitita na gramática comparativa do indo-europeu, entretanto, tem sido uma grande contribuição para os estudos do indo-europeu neste século.

### 2.1.2 O tocário

Tudo o que se sabe sobre o tocário é através de textos fragmentários encontrados no Turquestão Chinês, contendo matéria de natureza religiosa budista. Esse ramo do indo-europeu foi falado por um povo de origem possivelmente européia, de cultura bem adiantada, que viveu na Ásia até cerca do século X da Era Cristã. É uma língua extinta.

### 2.1.3 O indo-iraniano

O indo-iraniano compreende dois sub-ramos, o da Índia e o do Irã, antiga Pérsia. Os povos que falavam as antigas línguas do grupo se denominavam *arya*, transformado em *iran*, nome que significa, portanto, “dos árias”.

O sub-ramo índico do indo-iraniano foi falado na área que corresponde atualmente ao centro-norte da Índia e do Paquistão. Além de um dialeto pouco conhecido falado ao norte do Iraque durante o segundo milênio a. C., o mais antigo registro que se conhece nessa língua é o *sânscrito védico* do *Rigveda* (“Veda dos Cantos”), que contém as mais antigas escrituras sagradas da Índia, escritas por volta do século X a. C. O *sânscrito védico* é, pois, o mais antigo dos idiomas indo-europeus que se conhece. As grandes e famosas epopéias *Mahabhárata* e *Ramayana* foram escritas em *sânscrito clássico*, variante culta que foi muito bem estudada por vários gramáticos, destacando-se Panini no século IV a. C. Em nossa época, o sub-ramo índico está representado por dezenas de línguas e dialetos na Índia, destacando-se o *hindi*, o *bengali*, o *singalês* (na ilha do Ceilão) e o *romani*, conhecida como a língua dos ciganos.

Do sub-ramo persa do indo-iraniano conhecem-se como línguas mais antigas o *velho-persa*, falado no primeiro milênio a. C., onde hoje se localizam o Irã e o Afeganistão, língua oficial de Dario I (que reinou de 422 a 486

a. C.) e o *avesta*, a língua sagrada de Zoroastro. As principais línguas iranianas modernas são o *persa*, o *curdo* e o *osseta*.

## 2.2 AS LÍNGUAS DO RAMO EUROPEU

Vimos até aqui as línguas indo-européias do continente asiático. Vejamos agora sucintamente as línguas do ramo europeu. São elas: o *grego*, o *latim*, o *céltico*, o *germânico*, o *eslavo*, o *báltico*, o *albanês*, e o *armênio*.

### 2.2.1 O grego

O grego é a língua dos antigos helenos e é falada na Grécia desde 1600 a. C. O grego, apesar dos inúmeros dialetos, tem sido uma língua de relativa uniformidade ao longo de sua história. O textos antigos revelam que na Grécia antiga, cada cidade ou região tinha seu falar próprio, havendo, porém, a existência de um sentimento lingüístico comum: o *ático* (em Atenas), o *aqueu* (arcaico-cipriota), o *eólico* (empregado na Beócia, na Tessália e em Lesbos), o *dórico* (na Lacônia) e o *jônico* (na ilha Eubéia) eram sentidos como variantes de uma língua ideal.

Dos diversos falares gregos assumiu particular importância o dialeto de Atenas, o *ático*, cuja feição literária é o grego clássico, e que serviu de base a uma língua comum (*koiné dialectos*), de onde deriva o grego moderno. As obras de Platão são os documentos mais antigos escritos nesse dialeto. Já os poemas homéricos a *Ilíada* e a *Odisséia*, que precedem ao resto da literatura grega, estão mesclados de elementos dialetais jônico e eólico.

### 2.2.2 O latim

O latim, originalmente um simples dialeto de pastores e agricultores, foi falado no Lácio<sup>ii</sup>, pequena região às margens do rio Tibre, onde mais tarde se edificou a cidade de Roma, na Península Itálica.<sup>iii</sup> Tornou-se depois a língua dominante da península, e foi levada pelos romanos para os países por eles conquistados, onde o adotaram, por fim, para língua própria as populações vencidas e romanizadas.

As mais antigas inscrições latinas datam de aproximadamente do século VI a. C. A tradição literária, porem, começa em Roma no século III a. C., com o aparecimento dos primeiros escritores: Lívio Andronico, Cneo, Ênio. O período de ouro do latim clássico é representado pela época de Cícero, Augusto e Virgílio. Por essa época, passa o latim então a apresentar dois aspectos que, com o correr do tempo, se tornam cada vez mais distintos: o *clássico* (língua escrita, literária, um tanto artificial) e o *vulgar* (falado pelas classes inferiores da sociedade romana).

Denominam-se línguas românicas as que conservam vestígios indeléveis de sua filiação ao latim no vocabulário, na morfologia, e na sintaxe. São elas: o *português*, o *francês*, o *espanhol*, o *italiano*, o *provençal*, o *romeno*, o *reto-românico*, o *sardo* e o *dalmático* (extinto).

### 2.2.3 O céltico

Os *celtas* eram um grupo de povos de língua indo-européia, individualizados por volta do segundo milênio. Seu *habitat* primitivo foi, com muita probabilidade, o sudoeste da Alemanha, de onde se viram compelidos para a Gália, para a Espanha, para as ilhas Britânicas, para o vale do Pó, até que por fim, foram submetidos pelos romanos (século III a. C. - século I a. C.). É representado pelo *gaulês* (celta-comum), o *britânico* (que continua no *galês*, falado no País de Gales), o *gaélico* (falado na Irlanda, na Escócia e na Ilha de Man) e o *bretão*, hoje usado na zona rural da Bretanha.

### 2.2.4 O germânico

O ramo *germânico* vem despertando especial interesse para os comparatistas devido às suas peculiaridades fonéticas e morfológicas. Em meados do primeiro milênio a. C., tribos germânicas habitavam o sul da Escandinávia e norte da atual Alemanha. Suas expansões e migrações a partir do século I a. C. estão bem documentadas.

Distribuem-se as línguas germânicas em três subgrupos: o *gótico*, o *nórdico* e o *ocidental*. O gótico, hoje língua morta, é atestado principalmente por fragmentos de tradução da Bíblia pelo bispo Wúlfila, no século IV a. C. No sub-ramo *nórdico* incluem-se o *islandês*, o *norueguês*, o *sueco* e o *dinamarquês*. No *germânico ocidental* costumam os linguístas distinguir o

*alto-alemão* (de onde deriva o alemão moderno), o *baixo-alemão* (que deu origem ao *holandês*), o *frisão* (hoje representado por dialetos locais do norte da Holanda), e o *velho-inglês*, língua dos anglos, saxões e jutas, que deu origem ao inglês moderno.

### 2.2.5 O báltico

O *báltico* e o *eslavo* desenvolveram-se paralelamente do indo-europeu, guardando entre si muitas semelhanças. Alguns comparatistas, entretanto, inclinam-se a rejeitar a unidade balto-eslava. No início da Era Cristã, tribos bálticas e eslavas ocuparam uma extensa área do oeste europeu. Por volta do século V a. C., os eslavos começaram a se expandir em todas as direções, e até o presente falam-se línguas eslavas na maior parte do oeste europeu e norte da Ásia.

Do ramo báltico fazem parte o *velho-prussiano* (desaparecido no século XVII) e o *lituano*, de grande interesse para os comparatistas, devido ao seu caráter conservador. No ramo eslavo desperta grande interesse o *velho-eslavo*: idioma em que se encontram os mais antigos textos, inclusive uma antiga tradução búlgara dos Evangelhos feita pelos missionários Cirilo (ou Kirilo) e Metódio, datável do século IX. Do velho-eslavo derivam-se o *búlgaro*, o *serbo-croata*, o *esloveno*, o *russo*, o *ucraniano*, o *tcheco* e o *polonês*.

O russo, bem como diversas outras línguas eslavas, escreve-se em alfabeto cirílico, baseado no grego porém bem mais complexo.

### 2.2.6 O albanês

O *albanês*, a língua oficial da República da Albânia, é conhecido a partir do século XV d. C. Constitui um dos ramos do indo-europeu que ainda aguarda pesquisas.

### 2.2.7 O armênio

O *armênio*, como o grego, é uma língua única. É atestado desde o século V d. C. através de uma tradução dos Evangelhos, conservada em ma-

nuscritos do século IX, grafados em alfabeto próprio. Fala-se o armênio na República da Armênia, na Geórgia, e em certas regiões da Síria, Turquia e Bulgária.

### 3. COMPARATIVISMO E RECONSTRUÇÃO

O *comparativismo* é a técnica de pesquisa na gramática histórica, que consiste em estabelecer a comparação das palavras e estruturas gramaticais de línguas que possuem uma origem comum. O método comparativo permite-nos depreender fonemas, elementos morfológicos ou étimo, não documentados na língua de origem, ou seja, permite a reconstrução das formas desaparecidas. O indo-europeu foi esquematicamente reconstruído pela gramática comparativa das línguas indo-européias antigas, documentadas, como o *sânscrito*, o *grego* e o *latim*.

#### 3.1 ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DA FAMÍLIA INDO-EUROPÉIA

Nesta seção, pretendemos fazer uma resenha das principais contribuições dos comparatistas na tentativa de elucidar os enigmas que envolvem a protolíngua que deu origem às mais importantes línguas modernas da Europa e parte da Ásia.

Os antigos gregos e romanos já haviam percebido que as línguas que falavam guardavam entre si algumas semelhanças e, como outras línguas europeias, se tornaram objeto de atenção acadêmica na Idade Média e no Renascimento, constatando-se que muitas delas apresentavam maior semelhança com o latim e o grego do que com o hebraico e o húngaro, por exemplo. Porém uma delimitação precisa das fronteiras da família indo-européia só se tornou possível quando, no século XVI, os europeus começaram a aprender o sânscrito.

Em 1786, Sir William Jones, orientalista e jurista britânico, que incentivou os estudos orientais no Ocidente, escreveu um ensaio em que observa a semelhança do sânscrito com o grego e o latim. Jones apresentou a hipótese de que essas três línguas eram rebentos de uma só árvore e que provavelmente o germânico e o céltico tinham também uma origem comum.

No século XIX, os linguistas históricos e comparatistas basearam suas teorias nas observações de que há semelhanças entre determinadas lín-

guas e de que as diferenças são sistemáticas, particularmente no que diz respeito a certa regularidade nas correspondências sonoras. Admitiram também que as línguas que apresentam diferenças sistemáticas, por menores que sejam, haviam descendido de uma protolíngua comum.

O objetivo principal dos comparatistas históricos do século XIX era desenvolver e elucidar o parentesco genético existente nas línguas faladas no mundo. Procuraram, assim, estabelecer as principais famílias de línguas do universo e definir princípios básicos para a classificação dessas línguas.

Em 1816, o lingüista alemão Franz Bopp chamou a atenção para as relações morfológicas entre o sânscrito, o latim, o grego, o persa e o germânico, em sua obra *Übes des conjugationssystem der Sanskritsprache in Vergleichung mit jenem der griechischen, lateinischen, persischen und germanischen Sprache* (“Sobre o sistema de conjugação da língua sânscrita, em comparação com a do grego, latim, persa e germânico”). Dois anos mais tarde, o filólogo dinamarquês Rasmus Rask publicou *Udersogelse om det gamle Nordiske aller Islandske Sprogs Oprindelse* (“Investigação sobre a origem do velho dinamarquês ou língua islandesa”), em que mostra, de maneira sistemática, a relação do germânico com o latim, o grego, o eslavo e o báltico.

As investigações de Rask foram retomadas pelo lingüista alemão Jacob Grimm, que publicou um tratado em quatro volumes (1819-1822) intitulado *Deutsch Grammatik* (“Gramática Alemã”). Nesse monumental trabalho, Grimm discute as alternâncias vocálicas peculiares do indo-europeu por ele denominadas *Ablaut* (como por exemplo em inglês: *sing, sang, sung*, “canto”, “cantei”, “cantado”). Grimm também contribuiu para o estabelecimento de certas correspondências fonéticas entre o sânscrito, o grego, o latim e o germânico, como veremos no quadro mais adiante. Devido à regularidade dessas mudanças, tal fenômeno ficou conhecido como a “Lei de Grimm”.

Em 1838, Bopp demonstrou que as línguas célticas eram indo-européias. Em 1850, o filólogo alemão August Schleicher fez o mesmo com relação ao albanês, e em 1877, outro filólogo alemão, Heinrich Hübschmann, mostrou que o armênio constituía um ramo independente do indo-europeu, e não um sub-ramo do iraniano, como se supunha. Desde então, a família indo-européia tem sido aumentada pela descoberta do tocário e do hitita e outras línguas da Anatólia.

A filiação do tocário ao indo-europeu foi anunciada pelos eruditos alemães Emil Sieg e Wilhelm Siegling em 1908. O orientalista norueguês

Jorgen Alexander Knudtzen reconheceu o hitita como língua indo-européia com base em duas cartas encontradas no Egito em caracteres cuneiformes (traduzidas em *Die zwei Arzawa-briefe*, 1902; “As duas cartas de Arzawa”), porém seus pontos de vista só foram acatados após 1915, quando Bedrich Hrozný publicou, em *Mitteilungen der deutschen Orient-Gesellschaft*, o primeiro trabalho por ele realizado de decifração de copioso material encontrado nas ruínas da própria capital hitita.

A primeira gramática comparativa das principais línguas indo-européias foi a *Vergleichende Grammatik des Sanscrit, Zend, Griechischen, Lateinischen, Litthauischen, Atlaswischen, Gotischen und Deutschen* (“Gramática comparativa do sânscrito, zenda, grego, latim, velho eslavo, gótico e alemão”; primeira edição 1833-52) de Bopp. Tanto o trabalho de Bopp quanto o menos ambicioso de August Schleicher intitulado *Compendium der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprache* (“Compêndio de gramática comparativa das línguas indo-européias”; primeira edição 1861-62) se tornaram obsoletos pela grande ruptura dos anos 70, quando os eruditos perceberam que as correspondências sonoras não são apenas regras empíricas que não precisam ser observadas com rigor, e que as aparentes exceções às leis fonéticas podem ser frequentemente justificadas mediante uma análise mais precisa do sistema sonoro no próprio indo-europeu. A diferença entre o gótico *d* em *fadar* “pai” e o *p* em *bropar* “irmão”, por exemplo, ambos correspondentes ao *t* em sânscrito, grego e latim, se justifica pela posição original do acento tônico. Essa descoberta ficou conhecida entre os comparatistas como a “Lei de Verner” (em homenagem ao lingüista alemão Karl Verner). Desse modo, o *d* aparece em palavras cujas sílabas precedentes eram originalmente átonas (compare: grego *patér-*, sânscrito *pitár-*); já o *p* ocorre em palavras cujas sílabas precedentes eram tônicas (compare: grego *phráter-* “membro de um clã,” sânscrito *práther-*). Os trabalhos e as opiniões que se acumularam no final do século XIX estão copiosamente incorporados na obra do lingüista alemão Karl Brugmann, intitulada *Grundriss der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprache* (“Esboço da gramática comparativa indo-européia”; segunda edição 1897-1916).

A edição de 1937 da *Introduction a l'étude comparative des langues indo-européenes* de Meillet, republicada pela Universidade de Alabama em 1964, permanece entre os melhores e mais abrangentes trabalhos de gramática comparativa indo-européia. Este foi, por sinal, o texto básico de que nos servimos para a elaboração da presente comunicação.



### 3.2 UM EXEMPLO DE RECONSTRUÇÃO

Um grande número de línguas indo-europeias possui uma palavra similar para o termo de parentesco “nora”, como por exemplo: sânscrito *snusa*, inglês antigo *snoru*, antigo eslavo eclesiástico *snukha* (cf. russo *sno-kha*), latim *nurus*, grego *nuos*, armênio *nu* e albanês *nuse* (que também significa “noiva”).

Todas essas formas, conhecidas como *cognatas*, evidenciam a configuração fonética da palavra indo-européia pré-histórica para designar “nora”, que é seu ancestral comum. Podemos observar que o sânscrito, o germânico e o eslavo têm *sn* no início da palavra. Sabe-se que o *s* indoeuropeu desapareceu antes de *n* em outras palavras no latim, grego, armênio e albanês; assim podemos assegurar que as formas latina, grega, armênia e albanesa remontam à raiz indo-européia *\*sn* (compare o latim *nix*, *nivis*, “neve” com o inglês *snow* e o alemão *Schnee*). Prosseguindo a análise minuciosa dos demais fonemas dessa mesma palavra, os comparatistas chegaram a sugerir uma forma original hipotética *\*snusos*, de gênero feminino. Esse princípio é conhecido no comparativismo como a *regularidade nas correspondências sonoras*; ela é a base das ciências da etimologia e da lingüística comparativa.

O quadro 1 procura mostrar a regularidade das correspondências fonéticas entre algumas línguas provenientes da língua comum a que se convencionou chamar *indo-europeu*.

**QUADRO 1**

indo-europeu	sânscrito	grego	latim	inglês	alemão
p	p	p	p	f	f (v)
t	t	k	c	h	h
k	k (ou ç)	k	c	h	h
kw	k (ou ç)	p (ou t)	qu	wh	w
b	b	b	b	p	pf
d	d	d	d	t	z
g	j	g	g	k	k
gw	g (ou j)	b (ou d)	v	qu (ou c)	k
bh	bh	ph	f (e b)	b	b
dh	dh	th	f (e d)	d	t
gh	h	kh	h	g (ou y)	g
gwh	gh	th (ou ph)	f (ou v)	w	w

w	v	w	v	w	w
m	m	m	m	m	m
s	s	s	s	s	s

O quadro 2 apresenta uma seleção de vocábulos que têm servido de base para os comparatistas reconstruírem as formas ou raízes originárias na protolíngua.

QUADRO 2

indo-europeu	significa- do	sânscrito	grego	latim	inglês	alemão
*ped-	pé	pádah	pous	pes	foot	Fuss
*pater-	pai	pitar	pater	pater	father	Vater
*tre-	três	tráyah	treis	tres	three	drei
*kap-	cabeça	kapulam	kephalé	caput	head	Haupt
*kerd-	coração	————	kardia	cor	heart	Herz
*kw-	quem?	káh	poteros,tis	quis	who	wer
*dam-	domar	damitá	dmazó	domare	tame	zähmen
*gen-	raça	jánah	genos	genus	kin	Kind
*gwen-	vir	gámati	bainô	venire	come	kommen
*bher-	carregar	bhárami	pherô	ferre	bear	Bahre
*bhrater-	irmão <sup>v</sup>	bhratar	phrater	frater	brother	Bruder
*dhugter-	filha	duhitár	thugater	————	daughter	Tochter
*dhwer-	porta	d(h)várah	thura	fores	door	Tor
*ghes-	ontem	hyáh	khthes	heri	yesterday	gertern
*gwherm-	calor	gharmáh	thermos	formus	warm	warm
*weid-	ver	vedá	(w)eidos	videre	wit	Wit
*matr-	mãe	mater	mater	mater	mother	Mutter
*seu-	filho	sunus	huios	————	son	Sohn
*swes-	irmã	svásar	————	soror	sister	Schwester
*swol-	sol	————	hélios	sol	sun	Sonne

Como se pode deprender dos quadros acima, o *p* inicial indo-europeu se manteve no sânscrito, grego e latim e transformou-se em *f* nas línguas germânicas; o *m* inicial foi preservado em todas as línguas descendentes; o *k* se manteve no sânscrito, grego e latim, passando a *h* nas línguas germânicas; o *s* foi preservado em todas as línguas exceto no grego onde passou a *h*; o *b* se manteve no sânscrito e nas línguas germânicas, passando a *f* no grego e no latim. Os espaços vazios indicam que as noções correspondentes nessas línguas não derivam da mesma raiz indo-européia.

#### 4. CONCLUSÃO

Entende-se por *indo-europeu* a língua tronco, pré-histórica, falada há cerca de três mil anos antes de Cristo numa região ainda incerta da Europa Oriental. Daí se espalhou, em virtude de grandes movimentos migratórios, por uma parte da Ásia e uma grande parte da Europa, constituindo amplos grupos ou famílias dialetais. Desses grupos, depreendidos principalmente pelo método comparativo, temos documentadas algumas línguas hoje mortas, como o *sânscrito* (na Índia), o *velho-eslavo* ou *eslavo eclesiástico* (nos Bálcãs), o *Gótico* (também nos Bálcãs), o *grego* (na Grécia). Dessas línguas uma é o *latim*, do grupo itálico, cuja existência na região do Lácio, na Itália, está documentada desde o século VII a. C. A essas línguas prendem-se, por filiação direta, ou indireta, as principais línguas modernas da Europa.

Examinando a estrutura interna das línguas bem como comparando línguas de um mesmo tronco, os lingüistas conseguiram reconstruir formas primitivas de uma determinada família de línguas. Uma técnica particularmente eficiente, e ainda não superada, de reconstruir as línguas “mortas” é o *método comparativo*. Comparando as diversas línguas ou dialetos descendentes, a história lingüística de uma família de línguas pode ser parcialmente reconstruída e representada numa árvore genealógica.

Devido às limitações do presente trabalho, deixamos de desenvolver outras características importantes do indo-europeu, tais como: a existência de aspecto verbal, o complexo sistema de declinações, os morfemas reduplicativos e suas funções.

#### 5. BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

- CHAVES DE MELLO, Gladstone. *Introdução à filologia e à lingüística portuguesa*. Rio de Janeiro : Acadêmica, 1971.
- DAUZAT, Albert. *L'Europe linguistique*. Paris : Payot, 1940.
- d'HAUTERIVE, R, Grandsaignes. *Dictionnaire des racines des langues eurépeenes*. Paris : Lorange, 1948.
- HOENIGSWALD, Henry M. *Language change and linguistic reconstruction*. Chicago : University of Chicago Press, 1960.
- KLUGE, Friedrich. *Etymologisches Wörterbuch der Deutschen Sprache*. 21<sup>a</sup> ed. inalterada. Berlin : Walter de Gruyter, 1975.

- MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa : Confluência, 1967.
- MEILLET, Antoine. *Introduction à l'étude comparative des langues indo-européennes*. (reimpressão da 8a edição corrigida). Alabama : The University of Alabama Press, 1964.
- \_\_\_\_\_. *La méthode comparative en linguistique historique*. Paris : Champion, 1954.
- PORZIG, Walter. *Die gleiderung des indo-germanischen Sprachgebiet*. Heidelberg : Vinter, 1954.

## 6. NOTAS

---

<sup>i</sup> O *finlandês*, o *húngaro*, o *estoniano* e o *lapão* possuem traços comuns que levaram os linguistas a classificá-los num grupo à parte denominado *fino-úgrico*. O *basco* ou *vasco*, falado no País Basco situado nas duas vertentes dos Pirineus Ocidentais ao lado da França e da Espanha, ainda constitui um desafio para os linguistas.

<sup>ii</sup> *Latium*, daí *latinus* > *latim*.

<sup>iii</sup> Outras línguas também faladas na Península na mesma época foram o *osco* e o *umbro*, pouco documentadas.

<sup>iv</sup> Os substantivos femininos latinos em *-us* e gregos em *-os*, já que são incomuns, não podem ter sido criados de novo. Tudo leva a crer que se trata de uma herança indo-européia.

<sup>v</sup> Do latim *germanu*, que muitas vezes aparece ligado a *frater* e *soror*, daí *germanus* (e *germana*) passar a significar “irmão” (e “irmã”), sentido conservado em algumas línguas românicas, principalmente em espanhol e português, devido ao sentido especial que nestes idiomas tomou *frater*: “membro de confraria religiosa”. *Apud* MACHADO (1967, vol. II, página 1317).